

## **Imagem aérea do local: possibilidades e desafios no ensino de conceitos geográficos nas séries iniciais**

Helena Amaral da Fontoura

Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Daniel Coimbra Matos

Licenciado em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Qualquer texto e qualquer conjunto de símbolos é sempre simultaneamente o ponto de chegada de uma história anterior e o ponto de partida de uma nova história a ser reinventada.  
(REGO, 2001, p. 172)



Vista aérea da região do CIEP 045 – Porto do Roza – São Gonçalo, RJ

Fonte: Google Earth 4.0 2008

Este trabalho pretende uma reflexão crítica sobre as possibilidades presentes no uso de imagens para complementar a formação de alunos das séries iniciais em um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP localizado em São Gonçalo, município do Estado do Rio de Janeiro, com vistas ao que chamamos alfabetização cartográfica. Está inserido em um projeto de Iniciação à Docência, desenvolvido na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O projeto concebido na FFP tem como objetivo integrar os estudos dos universitários com a realidade escolar do município de São Gonçalo – RJ. Por se tratar de um espaço de formação de professores em diversas áreas, a FFP propicia a interação entre alunos de variados cursos, fato que foi aproveitado para montar a equipe multidisciplinar de alunos para o projeto. Durante todo o projeto utilizamos a abordagem etnográfica de inserção em um grupo para, vivenciando sua cultura poder entendê-la. Assumimos aqui nossa postura de educadores humanistas, como propõe Freire, empenhados na libertação do oprimido ao mostrar-lhe as ferramentas de libertação. Na Geografia, temos a análise crítica do espaço como uma de nossas ferramentas e, por isso, concordamos com Callai que o profissional deve estar atento à sua formação técnica sem abdicar de sua função social. Enquanto professores de Geografia, devemos nos preocupar com os conteúdos e as formas utilizados para o trabalho na sala de aula e também na maneira como trabalhamos com os alunos para que estes se formem cidadãos críticos de sua realidade, pensantes sobre a sociedade e comprometidos com um futuro mais justo e humano. Em nossas atividades, concluímos que, partindo de uma observação da paisagem, podemos chegar à crítica de problemas que nos cercam, estando prontos para agir em nossas mudanças de forma coerente e responsável.

Pensar a imagens como fonte documental nos reportou a um trabalho desenvolvido em um espaço educativo (CIEP 045 – Porto do Roza), com alunos de ensino fundamental, que deu origem à monografia de conclusão de curso de um dos autores e que fala de um projeto concebido na Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP), em São Gonçalo, que tem como objetivo integrar os estudos dos universitários com a realidade escolar do município de São Gonçalo-RJ. Por se tratar de um espaço de formação de professores em diversas áreas, a FFP propicia a interação entre alunos de variados cursos.

Os laços que se produzem com o projeto, desde seu início, vêm fazendo uma ponte entre as diferentes disciplinas e entre os professores na busca da realização de um dos nossos objetivos na FFP – o de conhecer mais profundamente as características da sociedade gonçalense, seu espaço urbano, suas dificuldades e possibilidades.

Optamos por analisar o projeto realizado no CIEP 045 partindo de seu produto final ao nos depararmos com a definição de hermenêutica

Como um sistema de conceitos que se definem na relação entre si e que, em seu conjunto, aplicados à análise de um texto, é capaz de enunciar aspectos desse texto inacessíveis a uma leitura restrita ao nível do apenas imediato manifesto. (REGO, 2001, p. 170)

O texto passa a ser definido então como o objeto de leitura, seja ele um texto no sentido usual, seja ele qualquer outra coisa passível de ser analisada se submetida a um sistema interpretativo, possibilitando uma leitura transversal desse objeto para além da aparência primeira.

Este autor aponta duas maneiras de se trabalhar com sistemas interpretativos: a hermenêutica arqueológica, em que a leitura privilegia o passado, ou aquilo que gerou os símbolos presentes no objeto de estudo; e a hermenêutica instauradora a qual tem o objeto como ponto de partida,

como um agenciamento de futuro, em vez de como uma fixação do passado [...] um ponto de partida a partir do qual ele próprio, o intérprete, pode continuar a criar outra vida, outro mundo. (REGO, 2001, p. 171-172)

Sendo que ambas não são excludentes e possibilitam leituras complementares de um mesmo texto, pois

[...] qualquer texto e qualquer conjunto de símbolos é sempre simultaneamente o ponto de chegada de uma história anterior e o ponto de partida de uma nova história a ser reinventada. (REGO, 2001, p. 172)

Nossa atividade tratava do tema “Eu e a minha escola”. Começamos a atividade no pátio do CIEP trabalhando o eixo espaço, observando, junto aos alunos, o prédio da escola e os outros elementos presentes no terreno da mesma, a saber: caixa d’água, biblioteca, quadra poliesportiva, piscina. Quando apresentamos as imagens de satélite onde apareciam: a escola, a BR-101 e parte da comunidade ao redor do CIEP, eles se interessaram pela atividade e depois que reconheceram o CIEP na imagem os outros lugares foram fáceis.

Durante a observação da foto aérea, ficou claro que os alunos conheciam bastante o entorno da escola, tomando como referência para seus debates os lugares conhecidos na foto, inclusive, algumas formações geográficas. Além da residência de alguns alunos, familiares e conhecidos, ainda foram reconhecidos através da foto: o posto de saúde vizinho à escola, a BR-101, o campinho, um morro e até apontaram direções para localizar referências que não apareciam na foto, como o mangue e outras residências, por exemplo.

Isso indica o potencial de uso deste tipo de imagem como documento de referência para o estudo da cidade, do lugar, do território (e tantos outros conceitos caros à Geografia). Crianças no ensino fundamental conseguem, usando apenas a imagem e seus conhecimentos cotidianos, localizar, identificar e abstrair direções para se localizarem. Nós, mais acostumados com pesquisas de múltiplas referências, chegaríamos a leituras mais aprofundadas desta mesma realidade ampliando o nosso entendimento da dinâmica espacial que levou à configuração do lugar observado.

O trabalho com imagens/mapas nas séries iniciais tem como propósito a aproximação dos alunos com este importante instrumento de leitura e representação espacial, ou ainda a alfabetização cartográfica como geralmente se refere ao tema a bibliografia especializada. O processo de alfabetização cartográfica se inicia quando o sujeito reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens, sendo este o primeiro passo para se ler e pensar o espaço, para se fazer a leitura da vida a partir do que pode ser percebido no espaço socialmente construído. “Importa então considerar as características culturais dos povos e os interesses envolvidos para a realização da leitura da paisagem”. (CALLAI, 2005, p. 238)

Para Aguiar (2003, p. 143), “toda escolha é limitada por uma situação que caracteriza o nosso modo de ser no mundo e compreende um lugar, a configuração territorial tecida de relações flexíveis no próprio cotidiano desse lugar” e suas paisagens trazem em si a história desse um lugar, de sua população em sua constante relação com os recursos e o ambiente, enfim a cultura desta população.

Então, por mais que uma imagem seja apenas um recorte de uma representação da realidade, balizado pelas convicções, preconceitos e intenção de uso de quem a enquadra e a prepara, sua leitura traz à tona aspectos desta realidade antes escondidos nos meandros do cotidiano, sendo perceptíveis (ou até mesmo reconhecíveis) apenas por aqueles que nesta realidade vivem.

Deste modo, ao pensar o próprio espaço, o sujeito estará exercitando a análise crítica das condições de vida em seu lugar, mas com a possibilidade – posteriormente necessidade, porque pensar criticamente deverá sempre nos levar a pensar a diante – de se situar efetivamente no mundo. E ao reconhecer sua identidade e o seu pertencimento pode se tornar responsável pela definição dos rumos de sua vida. (CALLAI, 2005)

Burke (2001) reitera a mensagem de que o contexto é a chave para avaliar a contribuição de um documento visual; para ele, as imagens frequentemente levam a pesquisa por caminhos nos quais a palavra escrita (ou falada) sozinha não consegue ir. Seguindo suas pistas, historiadores (e, porque não dizer, outros profissionais) podem encontrar formas criativas de incluir documentos visuais em suas pesquisas e atividades.

Desde a forma como a imagem propaga valores à informação sobre o uso social dos objetos, das imagens carregadas de preconceitos à apresentação de regras rígidas, para este autor, documentos visuais se revelam informações valiosas para análise histórica (mas não apenas, como pudemos ver neste ensaio).

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lígia Maria Brochado de. O lugar e o mapa. **Cad. Cedes**, v. 23, n. 60, p. 139-148, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

BURKE, Peter. **Eyewitnessing**: the uses of images as historical evidence. London: Reaktion Books, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

REGO, Nelson et al. O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. **Revista Terra Livre**, n. 16, p. 169-193, 2001.